

COVID - 19

Anúncio é feito mais de três anos após o surgimento da doença que abalou o mundo e tirou a vida de mais de 700 mil brasileiros. País ocupa o 2º lugar no ranking de óbitos

OMS suspende emergência marcada por erros no Brasil



Cemitério no Amazonas, estado que registrou um dos momentos mais críticos da pandemia, com o colapso na oferta de sepelício para os pacientes em Manaus

MARILIA CANCIAN

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o novo coronavírus como emergência de saúde de importância internacional. No Brasil, o Ministério da Saúde fazia uma coletiva de imprensa para informar sobre possíveis casos em investigação e medidas como a ampliação de leitos de UTI no SUS. O que parecia indicar um cenário de preparação prévia contra o COVID-19, porém, acabou por se transformar ao longo dos últimos três anos em uma sequência de erros, que incluem ausência de uma política organizada de controle da doença, aposta em remédios sem eficácia, apuro de dados e atrasos na compra de vacinas. O resultado foram mortes que poderiam ter sido evitadas, aponta especialistas, secretários de saúde e ex-gestores envolvidos pela reportagem. Ontem, após quase 7 milhões de mortes registradas oficialmente — cálculo-se que o número real passe de 20 milhões —, a OMS declarou que a COVID-19 não é mais uma emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (Espil). Embora não elimine desafios em relação à doença, a mudança na classificação acaba por dar um novo marco a um dos períodos de maior impacto no mundo, com efeitos em cascata na economia global. Com grande esperança, declarou que a COVID-19 já não é mais uma emergência sanitária de alcance internacional, afirmou o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus. A fase de emergência "acabou, mas a COVID não", ressaltou Maria Van Kerkhove, chefe técnica da OMS para o covid-19. "Não podemos baixar a guarda", apontou. Atualmente, o Brasil é o segundo país em número acumulado de mortes pela COVID-19, atrás apenas dos Estados Unidos. Desde o início da pandemia, são 701 mil mortes (veja quadro). Na prática, é

como varrer do mapa uma capital inteira, como Curitiba ou Aracaju, ou até 58 cidades de menor porte. O caminho que levou a esses números foi marcado por trocas de ministros, divergências entre discursos de autoridades sanitárias e do então presidente da República, Jair Bolsonaro (PL), e momentos de colapso no sistema de saúde. Ao longo dos últimos três anos, foram cinco ministros da Saúde. Os dois primeiros, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, declararam o cargo em maio e arriou divergências com Bolsonaro. No caso de Mandetta, possuiu a ideia de medidas como o uso de máscaras e isolamento social. Bolsonaro era contra ambas. Com Teich, o novo ocorreu com a pressão do Planalto para a ampliação da oferta de doçquinha. Já na época sem evidências contra o COVID-19, Teich (Bolsonaro queria que a Saúde não fizesse negação básica), afirmou Mandetta a reportagem. "Depois entraram numa de desfiar a credibilidade do ministério e ridicularizar tudo",

RASTRO DO CORONAVÍRUS

CONFIRMA O TOTAL DE MORTES NO BRASIL E EM OUTRAS PARTES DO MUNDO E OS PRINCIPAIS FATOS DA PANDEMIA

101 dias de emergência da OMS

31 Mortes

Brasil: 701.494 óbitos confirmados

Sudeste

Nordeste

Sul

Centro-Oeste

Norte

Mundo*: 6.921.614 mortes

Ranking de óbitos

Estados Unidos

Brasil

Índia

Rússia

México

Países Unidos

Irã

Itália

Alemanha

França

*Até 3/3/23

mento científico". Para ela, houve uma "versão desnecessária entre a retórica governamental e o papel dos cientistas e da comunidade médica e acadêmica".

Frases do ex-presidente se tornaram marcantes nesse contexto. Na prática, ao mesmo tempo em que estados adotavam diretrizes de isolamento e uso de máscaras e hospitais sentiam a pressão na busca por leitos, Bolsonaro dizia que o poder do coronavírus estava "superdimensionado" e que havia uma "histeria" em torno de uma "gripetinha".

"EXTREMA DIFICULDADE" Secretário de Saúde do Rio Grande do Norte desde 2019 e hoje presidente do Conass, que reúne gestores estaduais da área, Cipriano Maia lembra dos impasses do início da pandemia. "Era um contexto de

extrema dificuldade", afirma. "Principalmente por falta de uma coordenação nacional, negacionismo e confrontação às medidas adotadas pelos estados". Ele cita como exemplo a defesa feita por membros do governo de remédios que faziam parte do chamado "kit COVID", mas que não tinham indicação para a doença. Exemplo disso é que, em junho de 2020, na gestão interna do general Eduardo Pazuello, a Saúde elaborou um protocolo que ampliou a oferta de doçquinha para casos leves da doença.

Uma medida que, embora rechaçada pela comunidade científica, encontrou eco em uma parte da classe médica e alguns prefeitos. "Foi uma questão de disputa política", lembra Lorena Barbéria, professora de ciência política da USP e membro do Observatório COVID-19. Ela resume a resposta brasileira a emergência da COVID como uma busca por "soluções mágicas".

Um exemplo é o fato de que, enquanto insistia na oferta desses medicamentos, o Brasil deixou de aplicar testes capazes de ajudar no rastreamento e monitoramento da doença. A pasta da Saúde chegou a acumular estoque de 1,1 milhão de testes prestes a vencer.

FALTA DE CORDENAÇÃO Para Rosina Chiodo, da Abrasco, a ausência de uma coordenação nacional impactou no desempenho da rede de saúde. "OS 350 municípios não sentiram de dar respostas, mas poderia ter se saído melhor se tivessem sido um bico comandado", avalia. Maia, do Conass, concorda e vê na descontinuidade de políticas um dos erros mais marcantes no período. "Isso se agravou com a crise em Manaus, em que vários estados tiveram que acudir, mostrando o descalabro". Na época, a cidade teve colapso da oferta de oxigênio e relatos apontam que os leitos viraram câmaras de asfixia. Em tentativa de contornar a crise, pacientes foram transferidos para outros estados. Atualmente, a vacinação é

CRONOLOGIA DA CRISE MUNDIAL

► SURTIMENTO

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebe a informação de casos de uma pneumonia "de origem desconhecida" na cidade chinesa de Wuhan (centro). Em 7 de janeiro de 2020, a causa é identificada: um novo vírus da família dos coronavírus. Quatro dias depois, a China anuncia o primeiro morte oficial provocado por essa doença que posteriormente se chamaria COVID-19. Em 23 de janeiro, as autoridades confirmam toda a população de Wuhan para tentar conter a epidemia.

► PANDEMIA

Em 6 de março, a epidemia supera o marco dos 100 mil casos no mundo. A Itália, primeiro país europeu afetado, impõe um confinamento no norte, que depois estende ao resto do território. Em 16 de março, a Alemanha insta sua população a "ficar em casa" e o Reino Unido pede que se evite qualquer "contato social". Um dia depois, o França entra em confinamento. Em 2 de abril, mais de 3,9 bilhões de pessoas, metade da humanidade, são obrigados ou instados a se confinarem, segundo balanço da AFP. A maioria de um milhão de casos é suprida.

► A POLÊMICA HIDROXICLOROQUINA

Em 22 de maio, um estudo internacional de amplo alcance qualifica como ineficaz o tratamento com hidroxicloroquina, medicamento antimalárico, promovido para tratar a doença pelo médico francês Didier Raoult e apoiado pelos então presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e do Brasil, Jair Bolsonaro.

► BRASIL E ESTADOS UNIDOS

FECHADOS Em 7 de junho, o pandemio supera os 400 mil mortos e avança rapidamente pelo América Latina. O Brasil se torna o segundo país com mais mortes, atrás dos Estados Unidos.

► MÁSCARAS

Vários países europeus impõem o uso de máscaras nos transportes públicos, nos ruas, em escolas e empresas.

► SEGUNDA E TERCEIRA ONDAS

Em 28 de setembro, é suspendido o marco do milhão de mortos. Na Europa, os contágios voltam a disparar em outubro e vários países decretam novos medidas de confinamento.

► VACINAS

Vacinas são criadas em tempo recorde e, no fim de 2020, os primeiros doses são aplicados nos EUA e na Europa.

► NOVAS VARIANTES

Em 5 de janeiro de 2021, o aparecimento, no Inglaterra, de uma variante mais contagiosa obriga o governo a impor um novo confinamento. O resto da Europa endurece as restrições. Outras variantes muito contagiosas são detectadas no Brasil e na África do Sul.

► ESPERANÇA NAS VACINAS

Campanhas de vacinação têm início em dezembro em Reino Unido, Rússia, Estados Unidos e no União Europeia. A China começou a vacinar em julho. No início de março, o pandemio dá sinais de desaceleração nos EUA, mas volta a crescer na Europa e na América Latina.

► DEIXA CANCIAN: VARIANTES TEMIDAS

Muito mais transmissível, a variante Delta provoca uma hecatombe em abril e maio de 2021 no Índia, que se torna o terceiro país com mais mortes no mundo. No fim de novembro, uma variante ainda mais contagiosa, a Omicron, aparece no sul da África. A nova cepa se propaga rapidamente no começo de 2022 e causa um número recorde de casos, embora seus sintomas sejam mais leves.

► SUSPENSÃO DAS MEDIDAS

Em março de 2023, a OMS assegura que, em pouco tempo, o COVID não será mais perigoso do que a gripe sazonal.

► SUSPENSÃO DO ALERTA MÁXIMO

Em 5 de maio, a OMS suspende o nível de alerta máximo.

apontada como o principal fator para a redução de internações e mortes pela COVID-19. A estratégia, porém, começou de forma lenta e restrita. Dados divulgados em 2021 mostram que a gestão de Pazuello reagiu seguidas ofertas de doses de vacinas da Pfizer que poderiam ter iniciado a cam-

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Nacional Página: 4